

## **AMORES PROIBIDOS: ALMAS EM PECADO, DESEJOS INCONFESSOS**

Tâmara Duarte de Medeiros; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba  
tamaraduarte.br@gmail.com  
hermanorg@gmail.com

**Resumo:** O processo de construção identitária de sujeitos “desviantes” ou “ilegítimos” (termos comuns para designar aqueles que fogem da normatização imposta pela matriz heterossexual) envolve a experienciãõ de eventos psicobiológicos singulares e, concomitantemente, discursivos, erigidos pelo corpo social, em dado tempo e espaço. Pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento buscam, a partir dos Estudos de Gênero, compreender a dinâmica do desejo homossexual. O presente estudo tem o propósito de examinar, na *literatura (de expressão) gay*, as estruturas de poder que fabricam imagens e discursos ainda distorcidos sobre a homoafetividade, atribuindo-lhe códigos que lhe são, no mínimo, estranhos. Com base nessas reflexões, temos o intento de demonstrar como a arte literária mimetiza as ideologias sociais, como suas representações tornam visíveis as sanções e interdições impostas a indivíduos assumidamente homossexuais. Nosso arcabouço teórico compreende as teorizações de Michel Foucault, em sua *História da Sexualidade* (2011), os estudos de Eve Kosofsky Sedgwick (2004) e de Judith Butler (2010). Temos, aqui, uma base epistemológica capaz de nos fornecer os subsídios capazes de sustentar uma análise discursiva da sexualidade. Para atingir os objetivos, debruçaremos sobre o romance *Apartamento 41*, do escritor Nelson Luiz de Carvalho. A obra aborda, com sensibilidade, a “saída do armário” na vida de Leonardo Guimarães (personagem principal). Todavia, seus conflitos de identidade e aceitação de seus desejos, por vezes, são bosquejados por valores heteronormativos. Ao retirar a máscara da obediência, o protagonista lhe oferta, dentro das amarras de seu meio, um estilo de vida mais condizente com seus sentimentos e pensamentos. Suas escolhas rompem, até certo ponto, com estereótipos e reducionismos sociais. A partir dessa abordagem, veremos como determinados textos da *literatura (de expressão) gay* continuam presos a conceitos conservadores sobre o gênero, o sexo e a sexualidade, de modo a reproduzir crenças segregadoras. Ante o exposto, entendemos a necessidade de intensificar o diálogo entre Literatura e Sociedade.  
Palavras-chave: Literatura, Homoafetividade, Dispositivos de poder.

### **Introdução**

Neste trabalho buscaremos estabelecer um dialogo com o papel da Literatura como forma de representação da sociedade, bem como utilizar referências bibliográficas que deem respaldo à importância da obra literária em seu caráter representativo e determinante nas relações de papéis de gênero. Procuraremos tornar visíveis as relações de poder que exaltam uma forma de sexualidade em contraste com a outra. E como essas relações de poder entre sexo e gênero procuram ir além de uma busca por uma identidade sexual fixa e estável? Como as experiências, dilemas e escolhas apontam para uma relação sexualidade/discurso? Buscando um diálogo com as relações de poder que o discurso sobre a sexualidade utiliza para regular e domesticar corpos e indivíduos numa sociedade heterocêntrica. Nesse contexto apreenderemos as análises teóricas de Foucault e Eve K. Sedgwick sua relação com uma reinvenção social de um novo indivíduo a partir de uma ruptura

com a organização tradicional afetivo-sexual da matriz heterossexual e de angústias relacionadas ao sair do armário.

Dentro dessa abordagem analisamos a obra *Apartamento 41* do escritor, Nelson Luiz de Carvalho, romance verídico que aborda questões conflitantes e decisivas do cotidiano homoafetivo. Narra os descobrimentos e impasses de um universo de redescobrimto pessoal de um personagem homoafetivo e seu desejo de vivenciar sua identidade sexual sem amarras ou mentiras. O personagem principal Leonardo Guimarães vê sua vida ficar ao avesso no momento em que decidiu “assumir” sua homossexualidade. Durante anos suas experiências, vivências, padrões e proporcionavam uma realização do papel esperado de um “homem”. Entretanto, nem o fato de ser casado e ter filho o intimidou a continuar usando a máscara da obediência e ao retirá-la experimenta todas as sanções, interdições de uma sociedade heteronormativa. Como suas escolhas apontam para seus conflitos de identidade sexual?

Leonardo experimentará a falta de parâmetros que a sociedade delimita ser sobre o que é certo ou errado. Ficará entre a linha tênue do que é proibido e permitido: desejo e lei. Entenderá que para amar a alguém do mesmo sexo não é preciso esconder ou restringir seu amor a ambientes com limitações territoriais demarcadas pelo controle social como: bares, boates, motéis, etc. Essa sua mudança para um estilo de vida mais condizente com seu modo de sentir e pensar a vida o fará reconstruir um novo indivíduo, de acordo com suas novas experiências e experimentações na estreita relação entre subjetividade/amor/sexualidade. Em outras palavras, as questões relativas a sua aceitação o fez compreender a relação de um assumir-se gay e a construção de uma conjugalidade homoerótica. Leonardo traça o perfil de um possível amor conjugal entre pessoas do mesmo sexo, e sua experiência não o separa da realidade vivida por todos que enfrentam a sociedade para vivenciar sua sexualidade por completa. Delimitaremos nossa abordagem ao recorte temporal do século XX.

A partir de uma concepção de que a Literatura apresenta uma problematização e expressão dos papéis sociais, conforme Antonio Candido (1980). Com os olhares voltados para a forma como a Literatura representa e constroem os sujeitos desviantes, e de como a relação à Literatura e Sociedade expandem seus olhares e fronteiras para as relações de gênero, do domínio do discurso da sexualidade, focando nos processos de construção das identidades sexuais e como seus papéis desenvolvem na sociedade. Tendo em vista que por sua vez estabelecer um diálogo com a Literatura e as demais ciências humanas e sociais proporcionando uma compreensão dos valores e crenças que expressam e constituem a vida cotidiana dos sujeitos.

Dessa forma, atentaremos para a formação das subjetividades procurando traçar um diálogo entre os discursos que regulam as práticas sociais, bem como, rotulam sujeitos como "anormais" e "ilegítimos".

Também perceberemos como a Literatura auxilia na visibilidade e posição que alguns grupos sociais excluídos assumem em meio a uma sociedade heterocêntrica, preconceituosa; que constantemente reserva exclusões, penalidades e sanções para aqueles que fogem dos caminhos heteronormativos traçados.

### **1. Literatura e Sociedade: um caráter representativo dos papéis sociais de gênero na sociedade**

A literatura possui laços estreitos com a sociedade, porque expressa os dilemas e realidade do homem em determinado espaço e tempo histórico. A Literatura impulsiona o leitor a colocar-se no lugar do outro explorando o raciocínio e imaginário. Nessa perspectiva atentamos a capacidade que a Literatura possui de tocar em temas relativos à história e a realidade social de comunidades e grupos retratando através do texto, os costumes, normas, opressões, submissões, e a cultura e organização política e social de determinada região. Ela tem um papel fundamental nas construções e desconstruções de paradigmas. Em virtude disso, através de seus textos de ficção podemos perceber as representações dos sujeitos que ocupam as ilegalidades, desigualdades, subversões numa sociedade. A Literatura é uma invenção do cotidiano e articula entre discursos e práticas sociais.

Representando as posições e relações de indivíduos através de como são concebidas e categorizadas na sociedade brasileira. Como afirma-nos Antônio Candido, no artigo O direito à literatura: "(...) *uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanistas.*(...) [ situações em que o autor] *parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica*" ( CANDIDO 1995, p.250). A Literatura "empenhada" está engajada em descrever as brechas de desvios que permite "os dominados interiorizarem sua própria inferioridade ou ilegalidade" (CHARTIER, 2010, p.47). A Literatura propõe uma análise das "formações discursivas" que regulam e normatizam o "prazer de saber" sobre o sexo.

Nessa perspectiva, a literatura teria a como principal missão "*ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo*" (ANTONIO, 1976, p.14). Dessa forma a literatura (de expressão) gay possibilita ao homoafetivo o direito de quebrar o silêncio e discursos que o caracterizam como sujeitos transgressores e indesejáveis. Sua utilização não deve ser restrita apenas ao público LGBTTT, porque como uma parte do movimento das minorias

sexuais sua principal intenção é a luta pelos direitos iguais e um combate as opressões sofridas pelos sujeitos que são considerados ilegítimos e desviantes. Numa tentativa de formar adultos despidos de preconceitos e conscientes da necessidade de uma integração social dos indivíduos marginalizados.

Nos últimos anos, a visibilidade da comunidade LGBTTT tem crescido no espaço cultural e artístico brasileiro. Percebemos a abordagem e repercussão de temas homoafetivos nas novelas brasileiras com personagens de grande destaque. Mas recentemente, o protagonista de Amor à Vida (2013), Félix (Mateus Solano), que geraram diversas discussões sobre a homoafetividade e conjugalidade gay. Entretanto, a literatura (de expressão) gay enfrenta obstáculos e embargos; devido a sua descrição e expressão do universo homoerótico tornando visíveis as relações de exclusão, homofobia e afetivas dos homossexuais em nossa sociedade. Além de expor as condições do gay, seus desencantos, sua afetividade, medos, alegrias numa sociedade de matriz heterossexual. Certamente a verossimilhança dos escritos produzidos nessa literatura de conteúdos de temática gay desafie mais os grupos mais conservadores a refletirem sobre questões que julgavam possuir respostas seguras e estáveis. No entanto, suas certezas escapam pelas mãos. Porque é inútil ignorar a existência de novos sujeitos e novas práticas em contradição aos sistemas tradicionais de gênero e sexuais.

A obra ficcional é a construção de uma memória coletiva ou individual, moldando com clareza "*a ficção é um discurso informal do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele*" (CHARTIER, 2010). As obras de temática gay carregam em si um discurso ideológico que possibilita ao homoafetivo a ser ouvido e reiterado a seus direitos. Busca quebra o silêncio imposto pelos discursos normativos que segregaram a homossexualidade a um desvio de conduta e moral. O valor das obras de temáticas gays é muito importante para a construção de uma identidade como um grupo social. Nas palavras de Chartier, algumas obras literárias possuem a capacidade de assegurar um testemunho da memória coletiva ou individual, tornando-se um artefato sócio-histórico da sociedade.

(...) deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos ecolocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são representadas como tais. (CHARTIER, 2010, p. 25)

No romance *O Apartamento 41*, obra escrita por Nelson Luiz de Carvalho (2001), o autor apresenta uma história baseada em fatos reais. A obra aborda questões que vão além da especificidade do mundo "gay", dando-nos uma compreensão profunda da alma humana e suas

relações com quem possui um "pensamento diferente". Ele apresenta a história de um homem que havia sido casado por quinze anos, mas que se sente sufocado com sua vida. Mesmo que sua vida aparentasse ser um padrão de vida feliz para sociedade. Ele sentia como se algo faltasse para completá-lo como indivíduo. Sua carreira profissional. Sua esposa. Seu filho. Não poderiam proporcionar a busca por estilo de vida "*condizente com meus verdadeiros pensamentos e sentimentos*" (CARVALHO, 2007, p. 7)

É uma obra que articula com as vivências e práticas homoafetivas, apresentando uma abordagem iluminadora e libertadora desse estilo de vida. Observamos um testemunho de uma sociedade brasileira fundamentada em preceitos judaico-cristãos e morais que apenas reproduz o discurso repressor sobre a sexualidade. Sendo assim, "*o sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso*"(FOUCAULT, 1988, p.230). O discurso sobre a sexualidade utiliza-se de diversas perspectivas para silenciar, educar, normatizar o sexo. Possuindo instituições para vigiar, punir e controlar os sujeitos que ousam subverter os padrões tradicionais de gênero e sexuais delimitados pela matriz heterossexual. Os homens e mulheres que contestam a sexualidade legitimada serão reconhecidos como sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Serão expostos à exclusão e violência social. Cabendo a literatura e arte de temática gay estimular o diálogo que possibilite a desmitificação dos padrões de vida gay, e proporcionando o sujeito homoafetivo o direito de expor sua diversidade.

O autor construiu um personagem que sintetiza um gay capaz de amar, sentir afeto, não resumindo sua vida apenas ao desejo sexual. No prefácio do livro deparamo-nos com as palavras do personagem principal, Leonardo Guimarães, confessando a jornada de libertação, descobrimento, conflitos, aceitação, decepção, amor, mentira empreendida em sua nova vida. Atenemos para suas palavras de caráter libertador ao "assumir-se" gay.

Quando pensamos em rejuvenescer, como eu penso, geralmente só observamos nosso estado físico. Nunca lembramos que o corpo também é o resultado materializado de todas as neuroses, de todos os preconceitos e desejos não realizados, acumulados num dia-a-dia cruel que, impreterivelmente, procura nos carregar para baixo antes do tempo. Aos poucos, mas não tão devagar como parece, fui substituindo hábitos antigos, uma após o outro, por um novo estilo de vida, bem mais condizente com meus verdadeiros pensamentos e sentimentos. Estar de bem com o espírito, mesmo que cheios de dúvidas, nos faz voltar a pisar em terrenos até então esquecidos ou nunca pisados. No meu caso, o "pensar diferente" não só transformou meu corpo para melhor, como também trouxe de volta uma juventude que, por direito, ainda era minha. (CARVALHO, 2007. p. 7)

Ao torna seu “segredo” público, o personagem, Leonardo Guimarães, experimenta a liberdade de assumir uma identidade homossexual. Sua decisão o permitirá questionar a vida, a família tradicional, o amor e sexo compreendendo a condição complexa das relações homoafetivas. Mas será que os dispositivos sobre a sexualidade não afetam suas relações sociais de sujeitos homoafetivos?

## **2. Discurso de /sobre a sexualidade: um prazer-saber e um saber sobre o prazer**

Nos últimos anos, os temas relacionados à sexualidade tornaram-se objetos de estudo e pesquisa de diversos antropólogos, psiquiatras, educadores, sociólogos, passando a representar, uma “questão” de extrema relevância na sociedade contemporânea. Com elementos dos mais diversos olhares, a sexualidade vem sendo normatizada, sancionada, regulada. Há instituições tradicionais como o Estado, as igrejas ou a ciência que delimitam os padrões que legitimam as práticas sexuais e gênero. As instituições tradicionais regulam os discursos teóricos e políticos que legitima ou marginaliza o sujeito que transgride a normalização sexual imposta pela sua vigilância e controle.

Entretanto, nos dias atuais grupos e movimentos reivindicam seus direitos e verdades. A partir dessa perspectiva, observamos que os indivíduos que ultrapassam as fronteiras “seguras” e “estáveis” do gênero e sexualidade são condicionados a viverem na clandestinidade.

No romance *Apartamento 41*, Leonardo vê-se encurralado pelo desejo de identificar-se como um sujeito livre para viver e se assumir num papel gay. No entanto, seu grande desafio não é assumir-se gay, mas conviver com os ataques violentos das instituições tradicionais. A partir de seus questionamentos e incertezas passamos a compreender que o processo de construção identitária de um sujeito não é individual. Seus conflitos internos confirmam os discursos sociais que determinam uma "padronização" sexual dos sujeitos. Ele sofre as dores psíquicas que qualquer indivíduo desviante experimenta ao arriscar-se a romper com os papéis binários de gênero. Ele culpa-se a si mesmo por não conseguir mais continuar no seu mundo heterossexual de mentiras. Ao passo mantêm em suas palavras um desejo de vivenciar sua homoafetividade. O que mais o deixar triste é o medo de perder o contato com o seu filho. Em suas palavras,

Gostaria muito de deixar tudo como está, mas infelizmente não consigo mais. Se por um lado sou um pai carinhoso, que não mede esforços para a felicidade de André e até mesmo de Isabela, por outro sou um ser humano que vive em completa angústia e procura desesperadamente pelo tempo perdido. (...) Confesso que, sobre meus ombros, um enorme peso se faz presente nos últimos meses. O medo do novo

e minha não- convivência diária com meu filho são coisas que me assustam no futuro que está por vir. Contudo, não posso mais parar. (CARVALHO, 2007, p.12)

Esse reducionismo gay é condicionado às condições pré-definidas socialmente. São discursos políticos que governam e regem as condutas e ações dos sujeitos. Essas condições pré-definidas são normas que sancionam aqueles que ultrapassam as fronteiras determinadas pela heteronormatividade. Pois a determinação do gênero e sexualidade são construções discursivas. Tendo em vista que essas normas são apoiadas por um discurso de/sobre a sexualidade que legitimam a forma de expressão da norma: a heteronormatividade.

O discurso da medicina, biologia e jurista são alguns dos principais legitimadores desse "estatuto de naturalização" do heterossexual. Exercendo um efeito regulador e disciplinador. Estabelecendo limites, contornos e restrições a qualquer sujeito que assuma uma identidade sexual desviante.

Partindo dos conceitos de Foucault abordados, em *História da Sexualidade vol. I, A vontade de saber*, a respeito dos distintos modos de organizar os saberes sobre o sexo. O autor observa que há um enorme desejo de explorar os mínimos saberes e detalhes científicos sobre a sexualidade humana (FOUCAULT, 2011). Este discurso de/sobre a sexualidade humana constrói-se a partir de uma junção entre poder e saber em que as diversas verdades da sexualidade são investigadas e capturadas. Foucault compromete-se em explicar esses discursos e seus efeitos, procurando descrever como se ampliaram as maneiras de controlar a sexualidade.

Na sexualidade moderna percebemos esse poder exerce controle sobre os prazeres, em que há uma relação entre conhecimento e categorização operando um discurso condicionado a ciência, como a psicanálise, medicina, direito entre outros. Percebemos que há uma centralização do sexo a uma matriz heterossexual detentora de uma legitimidade concebida como a natural. Nas palavras de Foucault, o sexo é reprimido pelas interdições impostas pelo discurso sobre a sexualidade.

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menos eclosão de verdade é condicionada politicamente. (FOUCAULT, 2011, p. 11)

Para Foucault, a repressão reduz o sexo a um discurso teórico capaz de silenciar e institucionalizar suas práticas e atuações na sociedade. Havendo técnicas de poder que evidencia uma “colocação do sexo como discurso”. E através do discurso de/sobre a sexualidade evidencia “o dispositivo da sexualidade”. Qual o conceito de dispositivo?

Em sua obra *Historia da Sexualidade*<sup>1</sup>, *A vontade do saber*, Foucault descreve as construções em torno da sexualidade como discursos impostos por dispositivos de poder. Porém, na entrevista concedida à International Psychoanalytical Association (IPA) o autor explica mais claramente o conceito de dispositivo como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2011, p.244)

Notamos que Foucault emprega o termo dispositivo para elementos discursivos como leis, enunciados científicos, medidas administrativas. Compreendemos que as práticas dos discursos ditos e não ditos contribuem para a construção do dispositivo. O dispositivo está alicerçado nas dimensões do: “prazer saber” e “saber sobre o prazer”.

## **2.1 Judith Butler: corpos transgressores e subvertidos**

A teórica queer, Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero*, busca uma desconstrução das identidades-padrão propondo um pensamento mais abrangente empreendendo uma mudança epistemológica. A teórica considera a sexualidade socialmente construída. Seu objetivo é apontar a “incoerência” da identidade de gênero, porque as normas regulatórias do sexo pressupõem uma necessidade de adequar aqueles que serão sujeitos “abjetos” (aqueles que escapam do ideal normativo).

O indivíduo “desviante” será colocado a uma margem de exclusão na sociedade por desviar sua rota da trajetória “normal”. Sua transgressão aos planos pré-definidos o colocará na posição do “outro”: o diferente, o marginal, o subversivo. Mas será que este “corpo” assumirá os padrões que regem sua cultura? Nas palavras de Louro (2008).



As normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual. (LOURO, 2008, p.44)

Na citação acima notamos que Louro (2008) retoma os pensamentos de Judith Butler (2010), reconhecendo que o sexo dos sujeitos é construído a partir de “normas regulatórias” que incessantemente são repetidas e reiteradas para que a materialização dos corpos. Essas normas regulatórias da sociedade possibilitam de uma maneira compulsória a constituição dos corpos que não se ajustam a heterossexualidade. Judith Butler (2010) argumenta que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Ou seja, os corpos não assumem as normas que impõem sua materialização. Nesse aspecto, o corpo opõe-se tanto aos objetivos do sujeito quanto as normas sociais.

Segundo Louro (2008), a afirmativa acima inaugura um mecanismo de determinação de gênero e sexo que será anterior a sua cultura, e que não haveria outra opção a não ser seguir a ordem. O que viria a caracterizar o sujeito como fixo e imutável. Estabelecendo uma sequência que ela denomina de sexo-gênero-sexualidade. O que a sociedade reservará para o que subvertem as normas? Em suas palavras,

Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. (...) Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões. (LOURO, 2008, p.16)

A partir, dessa transgressão aos padrões que nomeiam os corpos e restringem a seguirem as normas de uma heteronormatividade que se regulamenta como o padrão natural. Entendemos, que a partir, desse direito de posse imposto as matrizes heterossexuais poderão afetar os corpos e identidades em seu trajeto de construção identitária e papel de gênero. Portanto grupos considerados opositores ao padrão binário sexual masculino/feminino estariam relegados a uma invisibilidade.

Na obra de Nelson Luiz de Carvalho, *Apartamento 41*, o seu personagem, Leonardo, rompe com os padrões de gênero e expectativas ensinados na sociedade. A obra auxilia na compreensão da identificação dos diferentes comportamentos de gênero, porque se torna uma valiosa ferramenta nos processos de “desconstrução” e “desnaturalização” das estruturas sociais que marginalizam os diferentes gêneros. Coloca como alvo as possibilidades da desmistificação dos estereótipos impostos pelas instituições tradicionais da sociedade: a ciência, a justiça, a família tradicional. Notamos nas palavras do personagem Leonardo palavras que indicam uma satisfação em “ser o que

é”, sugerindo na vida de seus contemporâneos uma possibilidade de avaliar a relação entre pessoas do mesmo sexo como, sendo algo que evidencia as diferentes formas de amar de um sujeito. Observe nos fragmentos da obra

Os primeiros sinais ocorreram em meu corpo. (...) Sentindo-me uma nova pessoa, as pizzas às sextas-feiras, os churrascos aos sábados e as cantinas italianas aos domingos deixaram de ser minha maior diversão. (...) É difícil mudar quando se está casado há quinze anos com a mesma mulher e muito bem empregado numa empresa há quase dez anos. Mesmo assim, o desejo pelo novo era mais forte do que o passado e o presente juntos. Reescrever a vida não é fácil, mas consegui dar o primeiro passo em pouco mais de um ano, quando estabilizei meu peso em setenta quilos. Minha história começa aqui. (CARVALHO, 2007, p. 11)

O personagem Leonardo intimida se com as mudanças que desmembrará sua vida em pedaços. No entanto seu desejo de explorar cada espaço de sua nova o faz compreender a necessidade do rompimento com sua antiga vida. Em suas palavras há uma enorme evidência de que ele está ciente das sanções e interdições que sofrerá por assumir uma identidade sexual gay. Suas palavras indicam um amadurecimento pessoal.

Mesmo conversando com eles, peguei -me por diversas vezes pensando na vida. Lugares e, principalmente, pessoas que eram tão certos no seu dia-a-dia de repente não tinham mais importância. O que sempre dei como duradouro se resumia apenas num erro medíocre que cometi no passado. Agora sei o quanto é importante ser honesto com a gente mesmo. Ninguém consegue viver de forma verdadeira sendo o que não é. (CARVALHO, 2007, p. 53)

O personagem Leonardo reescreve sua história a partir da inserção de um novo mundo, que não seria tão “novo” visto que as brechas do armário davam uma visão de mais ou menos como viria a ser o seu “novo mundo”. Notamos que ele sofre um conflito interno em conciliar seu passado com sua nova vida. Sua “ruptura” com seu mundo mascarado de hétero casado que transforma seu modo de ver o mundo e as pessoas. O personagem Leonardo rompe com a figura passiva e rendida a uma sociedade falocêntrica, e destrói as portas do seu armário. Suas intenções e ações estão firmadas num “é importante ser honesto com a gente mesmo”. Retirar a máscara e viver o modo de vida que o satisfaz como ser humano é que o torna humano. Seu assumir-se gay que o coloca em movimento agindo como um impulso para interromper sua comodidade com relação a sua vida estável aos padrões heteronormativos. Ele passará a ser um sujeito transgressivo pelo fato de colocar-se num papel social de um destabilizador de certezas.

### **3. Retirando as máscaras da obediência: abrindo e revirando o armário**

O escritor português, Guilherme de Melo, afirma que gays e lésbicas que estão dispostos a "experimentar a fluidez do entrar e sair do armário darão "uma maravilhosa lição de coragem aos dúbios, aos hesitantes, aos que preferem viver atrás do biombo ou sob o resguardo da máscara, encolhidos no fundo do armário como ratos medrosos" (Melo 2002:172). Ele impulsiona os indivíduos homoafetivos a assumirem como uma forma de impor a sociedade uma visibilidade possibilitando uma luta para a construção de uma identidade como um grupo social.

De acordo com Eve Kosofsky Sedgwick, o "o armário" seria uma ditadura de controle da sexualidade que regulamenta e estabelece a divisória binária na sociedade ocidental. São conjuntos de normas que não se apresentam tão nitidamente, entretanto, são rigidamente impostas a ponto de fazer do espaço público sinônimo de heterossexualidade, restringindo e reprimindo o sujeito homoafetivo ao privado. Os sujeitos são politicamente silenciados pelos discursos que o incentivam a permanecerem em "segredo". Observamos que a "heteronormatividade" exerce controle nos processos sociais, porque se fundamenta num conjunto de obrigações sociais que a defini como os sujeitos "legítimos" e "normatizados".

A partir dessa perspectiva entendemos que a epistemologia fundamenta-se na ideia de que os gays e lésbicas desde nascimento apresenta essa opção sexual e que seriam reprimidos até o momento do dilema entre "assumir-se" ou "continuar enrustido" até que se aceitem e revelasse seu segredo à sociedade tornando sua identidade homossexual pública. Se pensarmos assim a vida do homossexual haveria de ser uma mentira até o momento que ele assumia sua condição para a sociedade.

Ao final do século XIX, quando virou voz corrente - tão óbvio para a Rainha Vitória como para Freud - que conhecimento significa conhecimento sexual e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reitificante dessa recusa significou que havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintamente constituída como segredo. (2004, p.11)

Em contextos sociais e culturais, a homossexualidade foi "concebida" como segredo, sendo assim, coloca-se no armário aqueles que nutrem interesses por pessoas do mesmo sexo. Notamos que o armário não é uma escolha individual, e a decisão de "assumir-se" independe,

exclusivamente, de "capacidade" ou "coragem" individual. Em âmbito heterossexistas, "sair do armário", talvez, significará a expulsão de casa, perda de emprego e amigos, violências, e até a morte.

Como adverte Foucault, o discurso sobre a sexualidade submete a todos os que transgridem interdições. Porque aos que atravessam as leis que naturalizam a heterossexualidade como o padrão legítimo. Eles são silenciados, marcados e reconhecidos como os "anormais". Devemos ter atenção pelos discursos teóricos e políticos que são tão nocivos quanto os ataques homofóbicos. Nas palavras de Foucault,

Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras (FOUCAULT, 2011, p. 10).

Quando Leonardo foi questionado pelo seu amigo Gustavo, se não estava preocupado em sua saída do armário motiva seu afastamento do emprego. Observamos nesse ponto da obra, como um assumir-se ou sair no armário implica em muitas questões além de escolha individual. Leonardo sofrerá consequências em seu padrão social devido a sua orientação sexual. A devastação de seu armário configurará como proteção também as investidas cruéis de uma sociedade preconceituosa.

No diálogo entre Leonardo e seu amigo Gustavo, percebemos o alerta do Gustavo para as possíveis consequências da saída do armário no ambiente de trabalho.

Gustavo: - Mas é sério, Leonardo. O que você acha que vai acontecer quando o "Dono do Mundo" descobrir que o diretor prodígio dele é gay?

Leonardo: - Dois grandes erros, Gustavo: primeiro, ele nunca vai saber minha orientação sexual; segundo, eu não sou homossexual.

Gustavo: - Ah, não? Então o que você é?

Leonardo: Respondi de boca cheia: - Bissexual.

(CARVALHO, 2007, p.12)

Como afirma Sedgwick, "ele continua a afirmar-se como um elemento fundamental do seu relacionamento social; por mais corajosos e francos que sejam, por mais afortunados quanto ao apoio das suas comunidades, serão poucos os gays em cujas vidas o armário deixa de constituir uma presença central (SEDGWICK, 2004, p. 8).

É nítida a crença de que o “sair do armário” seria um fator fundamental para constituição de uma identidade como grupo social. Reiteramos que reconhecer-se como uma identidade homossexual é uma questão pessoal e política.

Observamos novos espaços e papéis fazem-se necessários. A epistemologia do armário confere à cultura e à identidade gay uma maior firmeza na sua busca pela sua construção identitária, sendo uma base para o conhecimento de padrões específicos (invisíveis e codificados), na sociabilidade e relações nos espaços urbanos (SEDGWICK, 2004, p. 8).

Seria o "armário" uma forma de mentira, opressão ou proteção? O armário estará sempre presente na construção das relações sociais e espaços de gays e lésbicas. É um sistema que oprime e restringe qualquer sujeito, identidades e comportamentos gays através de imposições em seu discurso heteronormativo. Entretanto, ele também é uma "proteção" ao sujeito.

O armário é um espaço de opressão, porque limita o indivíduo homoafetivo a privacidade de um catalogado como underground. Segundo Trevisan (2000), a identidade gay é reduzida à uma sexualidade transgressora com posições restritas e categoricamente definidas.

Este discurso regula a existência gay, a espaços públicos, semi-privados e públicos, e nesse entrar e sair do armário que se constituem espaços diferenciados remetendo a existência gay a uma invisibilidade do espaço privado.

Mas o que significaria "sair do armário"? O indivíduo ao "sair do armário" terá a oportunidade de expressar a vontade de dizer "tudo", mesmo que esteja prestes a sofrer inúmeras situações desagradáveis e interdições. Esta revelação pessoal está à mercê das influentes opressões sociais e institucionais.

Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. (SEDGWICK, 2004, p.37)

### **Considerações finais**

Esse artigo teve como objetivo realizar uma análise sobre os processos de construção de identidade, conflitos sociais, emocionais que sofrem aqueles indivíduos que são colocados à margem na sociedade por assumirem uma identidade sexual desviante a norma instituída pela matriz heterossexual. Buscando garantir a visibilidade dos indivíduos homoafetivos na *literatura*

(de expressão) gay destacando um novo olhar para sua vivência. No centro dessas preocupações destacamos como os vínculos sócios-históricos são determinantes num assumir-se gay e como o armário torna-se uma proteção e opressão através do discurso sobre a sexualidade.

Entendemos que a sexualidade vai além do discurso biológico que limita-se ao padrão binário homem e mulher, porque esse conceito não é fixo e imutável. Permitindo uma compreensão dos discursos sobre a sexualidade e como os indivíduos são interditos e oprimidos a ponto de sofrerem sanções e opressões. A partir da obra *Apartamento 41*, de Nelson Luiz Carvalho, compreendamos a contribuição da literatura (de expressão) gay como uma representação dos valores, medos, anseios, perdas, preconceitos e decepções de um personagem que enfrentar a sociedade para assumir-se verdadeiramente em seu espaço social. Desmistificando a figura estereotipada do sujeito homoafetivo, possibilitando uma maior visibilidade para seu movimento de integração social.

Passamos a compreender o valor inestimável de uma literatura voltada para o público gay, bem como sua valorização como fragmento sócio-cultural de uma determinada sociedade. Além de ser um instrumento valioso na formação de jovens e adultos possuindo como principal motivação a luta pelos direitos do público homossexual, e também uma forma de minimizar a exclusão e violenta homofobia.

Por muitas razões consideramos importante o uso de análise literária que busquem dar maior visibilidade as culturas de margem, dando voz aqueles que foram silenciados e oprimidos pelo mundo literário e sua crítica pragmática e falocêntrica. Notamos ao longo de nossa bibliografia uma necessidade enorme de divulgação da literatura voltada para o público gay. Percebemos como o discurso heteronormativo impõe uma posição de subversão e inferioridade a abordagens literárias que priorizem um “happyending” para indivíduos homoafetivos. É necessário discutir e incentivar mais abordagens relacionadas às temáticas Literatura e homoafetividade.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria história.** Bauru, SP. Edusc, 2007. Coleção História.

BUTLER, JUDITH P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução, Renato Aguiar. 3º ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**, tradução de Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **Apartamento 41**. 6º ed. São Paulo: Edições GLS, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

GUSMÃO, Dina. **Guilherme de Melo: um homem sem pressa**. Alpiarça: Garrido, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. Gênero. Niterói, v. 9, n. 2, p.171- 190, 1. sem. 2009.

PILLAR, Miriam, GROSSI, Anna Paula Uzie, MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis**. Rio de Janeiro. Garamond, 2007.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. University of California Press. Berkeley: Los Angeles, 1990.

SARA, Salih. **Judith Butler e a Teoria Queer**, tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SOARES, Claudemiro. **Homossexualidade masculina: escolha ou destino?, a atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança de orientação sexual**. Brasília. Thesaurus, 2008.